

**VII CONGRESSO LATINO AMERICANO DE ESTUDOS DO
TRABALHO. O TRABALHO NO SÉCULO XXI. MUDANÇAS,
IMPACTOS E PERSPECTIVAS.**

GT 1 – Los trabajadores en la agricultura globalizada

**O “*DINHEIRO DA CANA*”: CONSUMO, MELHORIA DAS
CONDIÇÕES MATERIAIS DE VIDA DOS TRABALHADORES
RURAIS E ESTRATÉGIA EMPRESARIAL**

Juliana Biondi Guanais – doutoranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UNICAMP. Pesquisadora do CERES (Centro de estudos rurais) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Bolsista FAPESP.

O “*DINHEIRO DA CANA*”: CONSUMO, MELHORIA DAS CONDIÇÕES MATERIAIS DE VIDA DOS TRABALHADORES RURAIS E ESTRATÉGIA EMPRESARIAL

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar que o “*dinheiro da cana*” - renda advinda do assalariamento temporário nas usinas de cana de açúcar - além de estar intimamente relacionado ao aumento do consumo e à melhoria das condições materiais de vida dos trabalhadores rurais migrantes e de suas famílias, também pode ser visto como uma estratégia empresarial. Em outras palavras, o “*dinheiro da cana*” – ao representar um ganho monetário que muito dificilmente pode ser obtido pelos trabalhadores sem o assalariamento temporário em outras regiões, que não suas regiões de origem – acaba sendo utilizado pelos representantes do setor sucroalcooleiro como uma das formas para assegurar e garantir o disciplinamento e o investimento no trabalho por parte dos cortadores de cana.

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar que o “*dinheiro da cana*” - renda advinda do assalariamento temporário nas usinas de cana de açúcar - além de estar intimamente relacionado ao aumento do consumo e à melhoria das condições materiais de vida dos trabalhadores rurais migrantes e de suas famílias, também pode ser visto como uma estratégia empresarial. Em outras palavras, o “*dinheiro da cana*” – ao representar um ganho monetário que muito dificilmente pode ser obtido pelos trabalhadores sem o assalariamento temporário em outras regiões, que não suas regiões de origem – acaba sendo utilizado pelos representantes do setor sucroalcooleiro como uma das formas para assegurar e garantir o disciplinamento e o investimento no trabalho por parte dos cortadores de cana.

Como é sabido, na grande maioria das vezes, os cortadores de cana são trabalhadores de origem rural que deixam seus locais de origem em busca de um serviço que assegure sua sobrevivência bem como a de sua família. Como em geral as regiões de origem dessas pessoas não oferecem possibilidades de emprego, e, conseqüentemente de renda, anualmente milhares de homens deixam seus municípios em direção às cidades em que vão trabalhar como cortadores de cana.

Diante da necessidade de viver da venda de sua força de trabalho, os trabalhadores rurais buscam o “mundo do emprego”, universo esse que não está em seu universo local, mas em outra região. A alternativa para tais pessoas é migrar, é “ir para o Sul” (GARCIA Jr, 1989). Nesse contexto o assalariamento temporário nos centros urbanos ou nas usinas de açúcar e álcool passou a ser considerado como uma estratégia de reprodução por parte dos próprios trabalhadores da unidade doméstica, uma vez que o dinheiro obtido por intermédio do trabalho remunerado no “sul”, além de compor e reequilibrar o orçamento familiar, assegura a manutenção daqueles que não migraram.

Mas, além de significar uma remuneração regular que não depende das flutuações do ciclo agrícola, para esses homens, o emprego no “sul” representa também uma renda monetária superior aos rendimentos obtidos na agricultura do “norte”, e por isso, é muito valorizado (GARCIA Jr., 1989). Como já demonstrei em outras ocasiões (GUANAIS, 2010), o “*dinheiro da cana*” é um dinheiro impossível de ser ganho nos locais de origem dos trabalhadores, e a diferença entre o ele e o dinheiro conseguido por alguma atividade

na terra natal é um dos fatores mais utilizados pelos trabalhadores rurais para justificar sua migração¹.

Diante deste contexto, para que fosse possível analisar a relação entre a renda obtida a partir do emprego temporário na agroindústria canavieira e o aumento do consumo e a melhoria das condições materiais de vida dos trabalhadores rurais e de suas famílias, foi realizada pesquisa de campo com um grupo expressivo de cortadores de cana ligados às usinas do grupo Rayzen (ex-grupo COSAN). Para fins metodológicos, é importante dizer que a pesquisa empírica foi dividida em duas partes:

a) em algumas “cidades de destino” dos cortadores de cana ligados ao grupo Rayzen; quais sejam: Piracicaba, Santa Bárbara d’Oeste, São Pedro, Charqueada e Mombuca;

b) no município de Tavares, localizado no sertão paraibano. No que se refere especificamente à pesquisa realizada neste município, é necessário destacar que a mesma envolveu não somente cortadores de cana, mas também alguns familiares dos mesmos;

Assim, no decorrer da pesquisa empírica realizada tanto na região de Piracicaba (interior de São Paulo), como no município de Tavares (PB), buscou-se desvendar e analisar a forma pela qual o salário ganho com o corte da cana era empregado e gasto por esses trabalhadores: se empregado nas regiões de origem; se nas regiões de destino, e a forma como era gasto.

Os resultados obtidos com a pesquisa de campo demonstraram que em um primeiro momento – isto é, quando ainda estão “trabalhando fora”, longe de sua terra natal – a maior parte dos cortadores de cana envia mensalmente uma quantia em dinheiro para a família que não migrou. Como dito acima, esse repasse financeiro é de extrema importância para assegurar a manutenção do grupo doméstico que permaneceu no “norte”.

Já em um momento posterior – ou seja, no período em que os cortadores de cana retornam para seus locais de origem – a grande maioria dos mesmos investem a renda obtida a partir do assalariamento temporário em sua própria terra natal na compra de bens materiais para si e sua família. Casas, terrenos, animais de criação, motos e

¹ “... a vinda para trabalhar na cana significa oferta de trabalho garantida; o ganho de um dinheiro que não se vê por lá; a possibilidade de fazer economias para casar, para terminar uma casa iniciada, para comprar uma moto, para ajudar os pais, para ter acesso a um lote de terra etc. Esses argumentos são acionados para a primeira vinda e, também, alimentam esperanças para vindas sucessivas.” (NOVAES, 2007b, 64-65) [grifo meu].

eletrodomésticos que muitas vezes não podiam ser comprados devido à falta de recursos dos trabalhadores rurais, passaram a ser adquiridos por intermédio do “*dinheiro da cana*”. Verificou-se, além disso, que quando possível outra parte do salário ganho é guardado (poupado), para fins de se obter uma maior segurança futura.

A partir dos resultados das entrevistas foi possível perceber ainda que o consumo e o investimento têm papel central quando o que está em jogo é o interesse por parte dos cortadores de cana em aumentar seus rendimentos monetários quando estão trabalhando para as usinas. Em quase todas as entrevistas, os trabalhadores utilizaram o verbo “investir” para justificar a forma como empregavam parte da renda obtida com a safra.

Vale destacar ainda que, além de compor e reequilibrar o orçamento familiar e assegurar a manutenção de daqueles que não migraram (GARCIA Jr, 1989), o “*dinheiro da cana*” também é muito valorizado pelos trabalhadores rurais não somente porque proporciona para os mesmos um padrão de consumo diferenciado do que tinham antes de migrar, mas também por outros motivos.

Isso faz sentido se pensarmos que os salários pagos pelas usinas de açúcar e álcool passam a ser ainda mais atraentes aos trabalhadores rurais porque são comparativamente mais elevados do que os rendimentos que receberiam caso permanecessem trabalhando em seus locais de origem. Mediante a exploração de sua própria força de trabalho – exploração essa ainda mais facilitada pelo pagamento por produção - os cortadores de cana podem usufruir de um aumento imediato de seus rendimentos atendendo ao fato de a produtividade do seu trabalho ter, em média, aumentado. Nas palavras de Claude Meillassoux (1977),

A curto ou mesmo a médio prazo, o emprego no setor capitalista pode fazer ilusão ao trabalhador rural. É sobreexplorado, mas a diferença de produtividade entre o seu setor de origem e o seu setor de emprego é suficientemente grande para que os seus ganhos imediatos o encorajem a preservar nos sacrifícios que impõem uma vida de semi-exílio, as durezas e os perigos dos trabalhos que lhe exigem, as condições de alojamento e saúde de que é vítima (MEILLASSOUX, 1977, p. 207)

Mas, como dito anteriormente, não podemos deixar de perceber que o “*dinheiro da cana*”, a despeito de proporcionar uma melhoria nas condições materiais de vida dos trabalhadores rurais migrantes, acaba também sendo utilizado pelos representantes do setor sulcroalcooleiro como uma das formas para assegurar e garantir o disciplinamento e

o investimento no trabalho por parte dos cortadores de cana. Ao restringir os trabalhadores à aceitação de certas concepções de estilo de vida, de hábitos de consumo e de desejo, os capitalistas podem garantir mais facilmente a obediência no âmbito do processo de trabalho, ao mesmo tempo em que conseguem capturar nichos de mercado diferenciados e em proliferação para suas vendas (HARVEY, 2011).

Para que seja possível capturar as escolhas de consumo dos trabalhadores e orientá-las com vistas a um “consumo racional” em favor de uma acumulação continuada, a força de trabalho, isto é, os trabalhadores, precisam passar por um longo processo de neutralização dos instintos que visa aniquilar todo e qualquer “impulso animal”. Nesse sentido, a história do industrialismo sempre foi uma luta contínua contra a animalidade do homem, baseada em um processo ininterrupto de sujeição dos instintos a sempre novas, mais complexas e rígidas normas e hábitos de ordem, de exatidão e de precisão (GRAMSCI, 2008).

E o caso dos cortadores de cana não é diferente. Ao remunerar seus trabalhadores por intermédio do pagamento por produção – modalidade salarial que faz com que os cortadores de cana possam aumentar seu salário sempre que aumentarem seus níveis de produtividade – as usinas conseguem assegurar o investimento contínuo dos cortadores de cana em seu trabalho. O “*dinheiro da cana*”, e tudo o que advém dele, passa a ser um estímulo para os trabalhadores rurais, os quais acabam muitas vezes abrindo mão de prazeres imediatos, de gastos desnecessários e contendo qualquer tipo de “impulso irracional” com vistas a conseguir atingir seus objetivos previamente estabelecidos.

É importante dizer aqui que esse tipo de estratégia empresarial não é recente. As experiências passadas propostas por Frederick Taylor e Henry Ford servem como exemplo das estratégias utilizadas pelos empresários com vistas a conformação desse “novo tipo” de trabalhador. Em *Americanismo e fordismo*, Gramsci (2008) já havia escrito que

O industrial americano se preocupa em manter a continuidade da eficiência física do trabalhador, da sua eficiência muscular e nervosa. É seu interesse ter uma competência estável, um complexo harmonizado permanentemente (...) Os assim chamados altos salários são um elemento dependente desta necessidade, são um instrumento para selecionar uma competência adequada ao sistema de produção e de trabalho e para mantê-la de maneira estável. (GRAMSCI, 2008, p. 70-71) [grifo meu].

No caso específico dos cortadores de cana, da mesma forma que indicada por Gramsci no século passado, os “altos salários” acabam servindo como estímulo e como uma espécie de retribuição para aqueles trabalhadores que aceitam se adaptar aos novos métodos de produção criados. Os “novos trabalhadores”, além de altamente eficientes, têm que ser modelos de estabilidade e de equilíbrio. Como retribuição, recebem salários mais altos do que o costume. Neste contexto, fica fácil de perceber que a possibilidade de se ter um aumento em seu salário acaba incitando os cortadores de cana a se submeterem às coerções da nova disciplina imposta pelas usinas. Dito de outro modo: a racionalização da força de trabalho deve vir acompanhada dos altos salários. Esses representam a conquista de um nível de vida adequado aos novos modos de produção e de trabalho, e até mesmo uma oportunidade para os trabalhadores melhorarem seus padrões de vida.

Referências bibliográficas:

DURHAM, Eunice. *A caminho da cidade. A vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1984.

GARCIA Jr., Afrânio Raul. *O Sul: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo: Marco Zero; Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília: MCT-CNPq, 1989.

GRAMSCI, Antonio. *Americanismo e fordismo*. São Paulo: Hedra, 2008.

GUANAIS, Juliana Biondi. *No eito da cana, a quadra é fechada: estratégias de dominação e resistência entre patrões e cortadores de cana em Cosmópolis-SP*. Dissertação de mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP. Campinas, 2010.

HARVEY, David. *Espaços de esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971 [1867] (Livro Primeiro, Volume II).

MEILLASSOUX, Claude. *Mulheres, celeiros e capitais*. Porto: Edições Afrontamento, 1977.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

_____. et al. Do karoshi no Japão à birôla no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado. In: *Revista NERA*, Presidente Prudente, ano 9, n. 8, jan./jun. 2006c, p. 74-108.

TAYLOR, Frederick W. *Princípios de Administração Científica*. São Paulo: Atlas, 2006 [1911].

